

Uma verdadeira Europa no extremo sul do Brasil: turismo kitsch e produção do espaço urbano de Gramado (RS)

Daniel Luciano Gevehr
FACCAT – Taquara – RS – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>

Eduardo da Silva Weber
FACCAT – Taquara – RS – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1539-2268>

Resumo

O município de Gramado (RS), um dos principais destinos turísticos do Brasil e da América Latina, ficou nacional e internacionalmente conhecido por uma identidade urbana que lhe é própria. Nesse sentido, o objetivo geral de nossa pesquisa será analisar a construção da identidade de Gramado pelo poder público e privado, entre a década de 1910 e o início da década de 1970, através de elementos kitsch, para compreender a sua influência no consumo turístico em massa e no processo de gentrificação, no início do século XXI. Nossa metodologia é de caráter exploratório, descritivo e explicativo, com análise bibliográfica. As fontes utilizadas envolvem documentos escritos e iconográficos diversos, presentes nas obras de pesquisadores e/ou memorialistas locais. As conclusões da pesquisa nos permitem afirmar que o desenvolvimento do turismo kitsch e dos meios próprios de produzir e ordenar o espaço urbano de Gramado, a partir do início da década de 1970, esteve ligado à memória das práticas culturais e de representação social desenvolvidas pela elite de origem imigrante, formada no local quando este ainda era Quinto Distrito de Taquara, e de cujo grupo veio suas primeiras lideranças políticas. Quando rápidas transformações sociais e urbanas, decorrentes da industrialização do país, ameaçavam descaracterizar a identidade local, apagando a memória que a fundamentava, a Prefeitura Municipal decidiu selecioná-la, enquadrá-la e divulgá-la.

Palavras-chave: Gramado; Identidade; Memória; Invenção das tradições; Turismo kitsch.

A true Europe in the extreme south of Brazil: kitsch tourism and the production of urban space in Gramado (RS)

Abstract

The municipality of Gramado (RS), one of the main tourist destinations in Brazil and Latin America, has become nationally and internationally known for its own urban identity. In this sense, the general objective of our research will be to analyze the construction of Gramado's identity by public and private authorities, between the 1910s and the beginning of the 1970s, through kitsch elements, to understand its influence on tourist consumption in mass and in the gentrification process, at the beginning of the 21st century. Our methodology is exploratory, descriptive and explanatory in nature, with bibliographic analysis. The sources used involve various written and iconographic documents, present in the works of researchers and/or local memoirists. The research conclusions allow us to affirm that the development of kitsch tourism and the specific means of producing and organizing the urban space of Gramado, from the beginning of the 1970s, were linked to the memory of cultural practices and social representation developed by the elite of immigrant origin, formed in the place when it was still the Fifth District of Taquara, and from which group its first political leaders came. When rapid social and urban transformations, resulting from the country's industrialization, threatened to distort the local identity, erasing the memory that founded it, the City Council decided to select it, frame it and disseminate it.

Keywords: Gramado; Identity; Memory; Invention of traditions; Kitsch tourism.

Una verdadera Europa en el extremo sur de Brasil: turismo kitsch y producción de espacio urbano en Gramado (RS)

Resumen

El municipio de Gramado (RS), uno de los principales destinos turísticos de Brasil y América Latina, se ha vuelto conocido nacional e internacionalmente por su propia identidad urbana. En este sentido, el objetivo general de nuestra investigación será analizar la construcción de la identidad de Gramado por parte de autoridades públicas y privadas, entre los años 1910 y principios de los años 1970, a través de elementos kitsch, para comprender su influencia en el consumo turístico masivo y en el proceso de gentrificación, a principios del siglo XXI. Nuestra metodología es de carácter exploratorio, descriptivo y explicativo, con análisis bibliográfico. Las fuentes utilizadas involucran diversos documentos escritos e iconográficos, presentes en los trabajos de investigadores y/o autores de memorias locales. Las conclusiones de la investigación permiten afirmar que el desarrollo del turismo kitsch y los medios específicos de producción y organización del espacio urbano de Gramado, desde principios de los años 1970, estuvieron vinculados a la memoria de las prácticas culturales y de las representaciones sociales desarrolladas por la elite de de origen inmigrante, se formó en el lugar cuando aún era el Quinto Distrito de Taquara, y de donde provinieron sus primeros dirigentes políticos. Cuando las rápidas

transformaciones sociales y urbanas, derivadas de la industrialización del país, amenazaron con distorsionar la identidad local, borrando la memoria que la fundaba, el Ayuntamiento decidió seleccionarla, enmarcarla y difundirla.

Palabras clave: Gramado; Identidad; Memoria; Invención de tradiciones; Turismo kitsch.

1 Introdução

O recorte espacial do estudo é o município de Gramado, localizado na região serrana do Rio Grande do Sul e que, na atualidade, apresenta-se ao mundo como um dos principais destinos turísticos do Brasil e da América Latina. Essa importância pode ser percebida de três formas. Primeiramente, através dos muitos prêmios que Gramado tem recebido nos últimos anos¹. Em segundo lugar, pelos recentes dados quantitativos, que revelam a envergadura de sua infraestrutura turística, que é a maior do Estado². E, por último, verifica-se essa importância na presença de uma “imagem” corrente acerca de Gramado, que vem sendo divulgada pelos poderes público e privado, há muitas décadas, através de mídias diversas.

Em decorrência disso, fica evidente a existência, no Tempo Presente, de uma cidade turística com identidade³ própria, reconhecida nacional e internacionalmente por seus visitantes. Esse produto final é resultante de um amálgama de diversos elementos manifestados no espaço urbano gramadense. Dentre diversos elementos, podemos citar a arquitetura, as técnicas de paisagismo e a gastronomia de inspiração europeia, os eventos, os estabelecimentos comerciais de produtos locais, hotéis, museus, parques temáticos, além de uma aura de paz e tranquilidade, que faz retornar à época colonial.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é analisar a construção da identidade de Gramado pelo poder público e privado, entre a década de 1910 e o início da década de 1970, através de elementos *kitsch*, para compreender a sua influência no consumo turístico em massa e no processo de gentrificação, no início do século XXI. Quanto aos objetivos específicos, estes serão: 1) Caracterizar e analisar o

¹ Além do selo “Destino Categoria A”, do Ministério do Turismo, atribuído em 2015, Gramado recebeu, ao longo dos anos de 2022 e 2023, muitos prêmios. Dentre eles, estão: “3º melhor destino para viagem em família” (2023), “7º Destino Turístico Mundial mais recomendado para casamentos” (2022), “Destino Turístico Gaúcho mais lembrado” (2022) e “Destino de Inverno mais procurado” (2022). Por fim, ainda outras duas premiações foram concedidas, cada qual a um hotel de alto-padrão, que a cidade possui: “Terceiro Melhor Hotel do Mundo” (2023) e “Hotel mais romântico do mundo” (2022) (SECRETARIA DE TURISMO DE GRAMADO, 2023).

² Quantitativamente, Gramado conta com, no mínimo, 400 eventos públicos e privados ao longo do ano. As atrações diversas são mais de 70, incluindo inúmeros pontos turísticos, como pátios, igrejas, praças, lagos etc., além de parques, museus e outros locais temáticos. Quanto à infraestrutura gastronômica e hoteleira, há pelo menos 300 restaurantes e 200 hotéis, os quais totalizam mais de 20 mil leitos. Todo esse complexo turístico atrai cerca de 7 milhões de visitantes à cidade todos os anos (SECRETARIA DE TURISMO DE GRAMADO, 2023).

³ Em nossa pesquisa, entendemos “identidade” na acepção sociológica de Pollak (1989; 1992), que a compreende como um fenômeno individual e coletivo, profundamente vinculado à memória afetiva do passado. Para o autor, identidade é a “imagem de si, para si e para os outros”, adquirida por indivíduos ou grupos sociais ao longo do tempo.

processo de produção do espaço urbano da cidade a partir dos conceitos de “gentrificação” e “turismo kitsch” e 2) Identificar elementos socioculturais para compreender de que modo o antigo distrito de Taquara, com características coloniais, e o depois recém-emancipado município possuiu, desde os primórdios, a vocação para o turismo.

Suas bases teóricas se assentam, sobretudo, nos conceitos de “Gentrificação”, “Modernidade Líquida”, e “Turismo kitsch”, havendo, ainda, outros de importância secundária. O conceito de “Gentrificação” foi cunhado pela socióloga inglesa Ruth Glass, na década de 1960, para descrever o fenômeno de retorno da classe média ao centro de Londres, o qual expulsara os moradores da classe operária que ali viviam. Sua popularização, por outro lado, deve-se ao geógrafo escocês Neil Smith, no final da década de 1970. O termo, originalmente *gentrification*, é derivado de *gentry*, expressão que designa a classe média na Inglaterra (GEVEHR; BERTI, 2017).

O fenômeno ocorre quando empreendedores adquirem imóveis em valor irrisório, revitalizam-nos e depois vendem-nos por valores lucrativos, havendo uma “reciclagem social” na área. Como consequência, ocorre a suburbanização, uma vez que a população com menor renda vê-se impossibilitada de adquirir posses imobiliárias nas áreas centrais das cidades. Sendo assim, esse conceito é fundamental para a compreensão das transformações que ocorrem nas cidades contemporâneas (GEVEHR; BERTI, 2017).

O conceito de “Modernidade Líquida” foi proposto pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, no início dos anos 2000, e é a base de toda a sua obra a partir de então. Para Bauman, o mundo contemporâneo é marcado pela rapidez das mudanças, pelas incertezas, confusão, angústias, individualismo e também pela curta duração das relações humanas (BAUMAN, 2001).

Já o termo *kitsch* tem diversas origens e significados, sendo geralmente analisado pela Filosofia dentro da área da Estética. A palavra surge em meados no século XIX e deriva do alemão *kitschen*, que quer dizer “fazer móveis novos a partir de velhos” ou, então, de *verkitschen*, dessa vez com conotação pejorativa, significando “trapacear”, “vender uma coisa no lugar de outra”. Está imbricado, então, de uma relação intrínseca que liga o falso ao autêntico (MOLES, 1973).

Na perspectiva da História Cultural, para Eksteins (1991) o *kitsch* é consequência psicológica do avanço tardio e acelerado da Modernidade, da industrialização e da urbanização sobre a Alemanha e os Estados Unidos, entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial. Está ligado à despersonalização e à reconstrução da identidade cultural de pessoas e territórios após migrações e enriquecimento. Pressupõe, então, a afirmação através da *estetização* (embelezamento) e da *espetacularização* de si e do ambiente (LIPOVETSKY, G; SERROY, 2015).

Particularmente, a respeito de Gramado, existe um trabalho importante da área do Planejamento Urbano e Regional, que é a dissertação de mestrado de Lopes (2014) e que teve por objetivo analisar as formas de tratamento pelos poderes públicos municipais voltadas aos assentamentos informais das áreas urbanas de duas cidades turísticas, Canela e Gramado. Esse trabalho torna-se importante para nós porque comprova a existência do processo de gentrificação em Gramado, uma vez que analisa a existência de assentamentos ou “loteamentos” em regiões mais

afastadas do centro da cidade. Também na Geografia, teve-se a tese de doutorado de Dalonso (2015).

No campo dos estudos mais voltados à problemática do Desenvolvimento Regional, destacam-se três trabalhos. A primeira, de Vaccari (2006), almejou analisar o papel do turismo nos municípios de Gramado e Canela como fator de desenvolvimento regional e as estratégias para a sua revitalização. A segunda, de Vidal (2015), objetivou analisar o fenômeno conhecido como turismo de eventos, enfocando especificamente o evento Natal Luz de Gramado. A terceira, de Berti (2018), é a que possui maior relação com nosso estudo, pois analisou vinte lotes do centro de Gramado, que sofreram o processo de gentrificação, objetivando a compreensão dos mecanismos de produção do espaço urbano e das formas de ordenamento territorial.

Diante disso, nossa pesquisa será de abordagem qualitativa. Os seus objetivos permitem-nos afirmar que será, ao mesmo tempo, de caráter exploratório, descritivo e explicativo. E do ponto de vista dos procedimentos, envolverá análise documental e bibliográfica à luz do quadro teórico. Para abordar os elementos históricos de Gramado, utilizaremos, principalmente, fontes bibliográficas, fotografias, mapas e transcrições de documentos escritos.

2 A produção e o ordenamento territorial do espaço urbano de Gramado

Seguindo a linha teórica proposta por Lefebvre (2013), a pesquisa considera as disputas de poder que há em torno do processo de “produção do espaço”. Considerar o espaço sob a ótica das relações de poder pressupõe o conceito de “território”. Haesbaert (2004) concebe “território” como sendo o espaço social apoderado historicamente de modo contínuo. Para o geógrafo, semelhante processo é múltiplo, uma vez que pode ocorrer de várias formas simultâneas, tanto por “apropriação” quanto “dominação”. A apropriação é subjetiva, cultural-simbólica, produz “significados” e, ao pressupor o “espaço-tempo vivido”, é caracterizada pela presença de tempos múltiplos, complexos e dotados de diferentes ritmos. Em contrapartida, a dominação típica da sociedade moderna e capitalista é de caráter político-econômico, concreto, funcional, e, como fruto da manipulação de seus “agentes”, acaba unificando os tempos e conferindo ao território uma unifuncionalidade.

O espaço, na dialética de sua produção, ao sê-lo, igualmente, produto e produtor, acaba influenciando na economia, nas relações de dominação e no funcionamento da superestrutura (Estado, Cultura, Religião, etc.), ao mesmo tempo que é influenciado por elas (LEFEBVRE, 2013). Assim, compreendendo-o integralmente em suas relações, o espaço torna-se o elo que interliga todos esses diferentes aspectos. A fusão de tudo resulta naquilo que o autor francês chamou de “prática espacial”. Dela adviria, então, o lento e interativo processo de “produção do espaço”.

Em contrapartida, Canclini (1990) contesta essa “homogeneidade” em relação ao caso latino-americano. Nesse aspecto, argumenta que o processo modernizador e unificador não triunfou totalmente, havendo, então, não *uma* modernidade, mas vários processos desiguais e combinados de modernização. A consequência direta

disso, é o que o autor chamou de “heterogeneidade multitemporal”, isto é, quando coexistem diferentes temporalidades sob o mesmo espaço.

Na mesma esteira, Haesbaert, remetendo a Milton Santos e sua “acumulação desigual de tempos” sob o espaço, sustentará que o momento atual se define somente por sua relação com outras temporalidades, concebidas “não apenas no sentido linear-evolucionista de temporalidade, mas do convívio simultâneo de tempos de diferentes durações” (HAESBAERT, 1997, p. 11). Em trabalhos posteriores, cunhará a noção de “multiterritorialidade”, conceito que explica o “movimento complexo de territorialização”, que engloba a “vivência concomitante de diversos territórios” e “a construção de uma territorialização no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2007, p. 20).

A cidade é uma forma bastante específica de organização social, possuidora de necessidades igualmente específicas (administração, forças de segurança, pagamento e arrecadação de impostos, divisão social e do trabalho, etc.), e que difere profundamente daquelas baseadas no meio rural (BARROS, 2007). Desde a aurora da civilização, a cidade tornou-se o espaço geográfico e social grande, denso, permanente e heterogêneo, onde as multidões de estranhos têm chance de encontrar-se (WIRTH, 1967 *in* OLIVEN, 2010; SENNETH, 1978 *in* BAUMAN, 2001). Porém, muito mais que centro social, a cidade sempre o fora econômico, político e cultural.

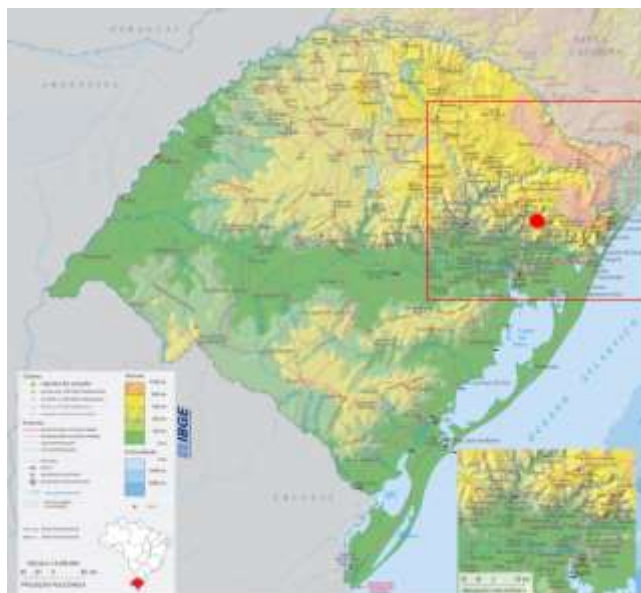
Giddens (1991) sustenta que os modos de vida modernos, oriundos das transformações dos últimos três ou quatro séculos, diferem profundamente dos tradicionais, em extensão e intensão, e não há precedentes comparáveis. Suas características divergentes englobam a rapidez e amplitude da mudança, assim como a presença de elementos (políticos, econômicos, sociais e tecnológicos) previamente inexistentes.

Para Haesbaert (2017), além de restrição da mobilidade, ordenar também é sistematizar e regular a organização do espaço. O geógrafo coloca que, com a falência das sociedades disciplinares, baseadas no ordenamento disciplinar, o máximo que resta é a proposição de “processos de contenção territorial” por meio dos quais “as populações indesejáveis ou as classes subalternas são realocadas no espaço a fim de resguardar a ‘segurança’ dos territórios dos grupos hegemônicos” (HAESBAERT, 2017, p. 290).

3 O cenário e os atores sociais

Gramado localiza-se nas altitudes mais elevadas da Serra Gaúcha - em torno de 650m a 900m acima do nível do mar, segundo Mendes Júnior (2002). A Serra Gaúcha faz parte da Região Nordeste do Rio Grande do Sul e trata-se de uma pequena parcela a Sudeste do imenso Planalto Meridional ou Planalto Norte Rio-Grandense.

Imagem 1 – Gramado, Região Nordeste e Planalto Norte Rio-Grandense



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de: <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapas/imagens/mapa-rs.jpg> Acesso em: 14 out. 2023.

O mapa acima mostra que a cidade é rodeada por vales de rios. Blum (1987) e Mendes Júnior (2002) apontam outros elementos físicos, como a vegetação, caracterizada pela presença de matas nativas (araucária, gramimunha, xaxim, taquarais, etc.) e vegetação rasteira, como as gramíneas. Conforme Blum (1987) o clima de Gramado é ameno e faz bem para a saúde. Suas temperaturas variam entre os limites de 30°C, no verão, e -2°C, no inverno, apesar de, ocasionalmente, serem registradas temperaturas mais altas e mais baixas. Durante o inverno, podem ocorrer, casualmente, geada e neve, mas o fenômeno mais comum é o nevoeiro (ou cerração) (BLUM, 1987; DAROS, 1993).

Nesse espaço, ainda durante o período colonial, os primeiros que chegaram foram os imigrantes lusos e açorianos, colonizadores, sobretudo, das áreas navegáveis da Depressão Central, em torno de Porto Alegre, e do Litoral Norte, além das pastagens dos Campos de Cima da Serra. Estes, em maior ou menor grau, espalhar-se-ão por toda essa região em sentido leste (Santo Antônio da Patrulha) e norte-nordeste (Serra) e serão responsáveis pela “frente de expansão”, ou seja, a limpeza e preparação do espaço para os futuros colonizadores (FERNANDES, 2008; 2011).

Após os luso-açorianos, que ocuparam a região no período colonial, no período imperial e nas primeiras décadas da República, é a vez dos colonizadores alemães e italianos. Os alemães chegaram a partir de 1824 e se estabelecem em torno dos Vales dos Rios dos Sinos, Taquari e Paranhana. Os italianos, por outro lado, vieram depois de 1875, na Encosta Superior do Planalto, principalmente, em torno dos Vales do Rio Caí e Rio das Antas. Ambos os povos farão a “frente pioneira”, que implica alterações sociais e espaciais, via modernização e mercantilização das relações de produção (FERNANDES, 2008). Depois disso, sobretudo a partir do último quartel do século XIX, intensifica-se a migração intrarregional em direção às áreas centrais do quadrante selecionado, ainda pouco povoadas e com disponibilidade de terras para aquisição através de compra.

O topônimo “Gramado” revela que o território gramadense, uma ínfima parcela a Sudeste dessa imensidão altiplana, figurava entre os destinos dos tropeiros. Esse fato é consenso entre memorialistas locais, como Marília Daros, Iraci Casagrande Koppe e Mário Pizetta, os quais asseguram que, remotamente, havia um vasto gramado, localizado em área plana e rodeado de árvores e nascentes de água, que deu fama ao território. A partir de então, essa nomenclatura foi incluída no vocabulário dos tropeiros, que utilizavam o local como ponto de repouso (DAROS, 1993, 1995; DORNELES, 2001; PIZETTA, 1973).

Em 1919, o trem chegaria a Gramado, na zona periférica ao sul, denominada Várzea Grande. E, por fim, em 1921, chegaria à sede do Quinto Distrito. Doravante, o local que era descrito como repleto de “banhados e matas virgens” vai adquirindo, paulatinamente, nas imediações da ferrovia, feições modernas. De acordo com Kern (2006, p. 26), “o trem não foi somente um meio de transporte que encurtou as distâncias, mas estimulou as relações sociais, aumentou a produção, dinamizou o mercado, transformando o meio por onde passava em vários aspectos”. No caso específico de Gramado, através desse meio de transporte, seria possível, agora, interligar-se ao comércio regional, encabeçado por Porto Alegre, do qual trata Reinheimer (2007).

Em relação a isso, Casagrande (2006) afirma, que, ainda em 1918, a antiga pensão Bertolucci, transformar-se-ia em Hotel Bertolucci, o primeiro hotel de Gramado. Na década de 1930, surgiria o Hotel Fisch e, na década seguinte, os hotéis Candiago e Sperb. Os quatro hotéis ficavam em sequência na Avenida Borges de Medeiros (BEHREND, 1999). Até mesmo na localidade ao sul, chamada Várzea Grande, distante 7km da sede, onde o trem chegou primeiro, houve a abertura de um hotel: o Hotel Casagrande.

Na década de 1920, o político gaúcho Assis Brasil visitou Gramado, denominando o local de “Suíça Brasileira”⁴ (BLUM, 1987; DRECKSLER; KOPPE, 1993; PIZETTA, 1973). Ele teria vindo a convite de seu partidário local, o comerciante Pedro Benetti, que o recebeu em sua casa comercial, de onde, da sacada, teria discursado e saudado seus simpatizantes (DRECKSLER; KOPPE, 1993).

Assim, até o final da década de 1930, o desenvolvimento urbano já era tamanho a ponto de Gramado já possuir, além dos hotéis citados, agência de correios (1918), escritório do Banco Nacional do Comércio (1918), iluminação elétrica (1920), escola católica (1926), cinema (1929) grupo escolar (1930), farmácia (1930), Igreja Matriz São Pedro (1935), hospital (1937), um Café (precursor dos Cafés Coloniais), três casas comerciais e três indústrias artesanais (vime/móveis, vinho e bebidas diversas).

⁴ O termo “Suíça” é uma designação paisagística, muitas vezes utilizada pelo *marketing*, para nomear lugares turísticos com características geográficas semelhantes àquelas desse país europeu, como o clima, o relevo e a vegetação. É o principal exemplo do culto místico às paisagens naturais, oriundo do Romantismo alemão, cujo ideário influenciou o turismo contemporâneo, transformando a Suíça e a paisagem dos seus Alpes, na maior atração da Europa, especialmente após a introdução da prática de esqui (BARRETO, 1995). Existem mais de duzentas “suíças” ao redor do mundo, dentre as quais, três estão no Brasil: Campos do Jordão (SP), Nova Friburgo (RJ) e Gramado (RS). As três cidades costumam ser chamadas de “Suíça Brasileira”. De acordo com Pizetta (1973) e Blum (1987), a Prefeitura Municipal de Gramado fez questão de evidenciar a memória dessa titulação atribuída a Gramado ainda na década de 1920.

Todos esses aspectos possibilitaram que o local fosse elevado ao status de Vila, pela Lei Estadual nº 7199, de 31 de março de 1938 (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973).

Nesse sentido, foi tamanha a produção do espaço urbano provocada pela presença do trem, que alguns grupos econômicos beneficiados, decidiram que já era possível desenvolver-se de modo independente de Taquara, permitindo que ocupassem cargos de destaque na política. Em 1948, ocorre, então, a primeira tentativa de emancipação da Vila de Gramado, a qual, porém, falha. Esta virá, de fato, em 1954, pela Lei Estadual nº 2522 (BLUM, 1987).

Por outro lado, embora o maior fluxo migratório tenha sido no último quartel do século XIX, ainda houve outra leva de imigração germânica, dessa vez no início do século XX, sobretudo após o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Essa nova leva, engrossará ainda mais as fileiras socioculturais de Gramado, agora, porém, com maior requinte e influência. Veio uma elite culta, cujos integrantes construirão parques, lagos artificiais e adotarão técnicas de paisagismo, como o plantio de flores diversas e árvores exóticas. Ademais, planejarão um loteamento de casas de veraneio para a elite regional e incentivarão a visitação a locais de balneário naturais, como as cascatas (BLUM, 1987; DRECKSLER; KOPPE, 1993; BERTOLUCI, 1999; KNORR, 2000; SPARREMBERGER, 2000).

4 Turismo Kitsch

A Organização Mundial do Turismo (OMT) define turismo como sendo um “fenômeno social, cultural e econômico” (OMT, 2008 in PAKMAN, 2014, p. 18), que inclui “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares diferentes do ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo, inferior a um ano” (OMT, 2016), e que podem ter, além de outras, as seguintes finalidades: “1. Ócio, recreação e férias; 2. Visitas a parentes e amigos; 3. Negócios e motivos profissionais; 4. Tratamentos de saúde; 5. Religião/Peregrinações” (OMT, 2016).

Susana Gastal, é uma das autoras que, sustentando uma nova abordagem teórica para o turismo contemporâneo, o vê dessa forma, ou seja, levando em consideração o movimento. Assim, prioriza elementos, tais como “viagem”, “percurso” e “deslocamento”, que, segundo ela, são comumente deixados de lado, em nome da dimensão fixa representada pelos “destinos turísticos”. Gastal (2005), dando seguimento à sua teorização do turismo, ancora-se em David Harvey (2005) e também declara a existência de uma relação intrínseca do movimento com o tempo e o espaço. Quando trata desses conceitos, a autora segue a mesma linha de Lefebvre (2013), concebendo-os de modo concreto e através das relações que possuem com a sociedade que os define. Dessa maneira, ela interpreta o espaço como “construção cultural” e o tempo como algo maleável, que adquire essa característica através das inúmeras tecnologias que aceleram a velocidade de deslocamento.

O sociólogo inglês, John Urry, é outro autor que concebe o turismo do ponto de vista do movimento. Ele analisa essa atividade a partir do “olhar”, inspirando-se na análise típica do “olhar médico”, que diagnostica através da percepção dos pequenos detalhes e nuances. Ademais, um dos alicerces de sua teoria é a inter-relação entre as duas dimensões do turismo, mencionadas por Gastal (2005): móvel e fixa. Desse modo, Urry (2001) denomina “relacionamentos turísticos”, o resultado

da associação entre o deslocamento através do espaço (viagem) e o período de permanência no destino turístico, tendo como pano de fundo as relações sociais presentes no movimento.

O turismo *kitsch* emerge a partir da década de 1970, no contexto de um mundo previamente globalizado pela economia capitalista moderna, tendo a Inglaterra como seu primeiro grande difusor, desde o século XVIII, e, igualmente, os Estados Unidos, a partir do século XX. Os inúmeros meios de transportes e de comunicação, surgidos ao longo do tempo, advieram da necessidade de modelagem do espaço para o bem fruir das atividades econômicas, sobretudo a industrialização e o comércio. A principal consequência foi a massiva produção de espaços urbanos por todo o globo e a progressiva redução das áreas rurais. Além disso, como grande articuladora dessas transformações, ascendeu econômica e politicamente, a burguesia, que se tornou, nos últimos cinquenta anos, a principal praticante do turismo *kitsch*, como parte de uma identidade cultural.

A emergência e edificação do turismo contemporâneo, também advém do Romantismo⁵ (SANTOS, 2017), e a burguesia será sua principal praticante. Essa classe, em ascensão, não cessará de imitar e difundir antigos hábitos da nobreza, como o gosto pela alimentação, vestuário e lugares exóticos (LE GOFF, 1983). Detentora de “tempo ocioso”, utilizará o turismo como “símbolo de riqueza” e *status* (BARBOSA, 2002), objetivando a autoafirmação, ao criar uma identidade burguesa.

As “tradições inventadas” e as “memórias enquadradas”, que emergiram com a nova ordem moderna, vieram, justamente, preencher o “vácuo” do que fora destruído. A principal diferença, foi que, dali em diante, isso ocorreu de forma muito mais impositiva, mecanicamente repetitiva e, apesar de possuir elementos artísticos, estes tornaram-se artificiais, necessitando apelar excessivamente às emoções e experiências sensíveis para a sua aceitação. Tudo, porque não era mais um hábito cultural espontâneo da sociedade, uma vez que, tanto as sociedades como suas culturas, já estavam, há muito, em processo de desagregação (ou praticamente mortas). Ou seja, é por isso que Eksteins (1991) chama o *kitsch* romântico de “máscara da morte”.

A noção de *kitsch* surge nesse contexto, em Munique, por volta de 1860. Existem duas vertentes linguísticas do idioma alemão para explicar sua origem: a primeira, afirma que, este, deriva de *kitschen*, que quer dizer “fazer móveis novos a partir de velhos”, enquanto que, a segunda, determina sua proveniência de *verkitschen*, dessa vez com conotação pejorativa, significando “trapacear”, “vender uma coisa no lugar de outra”. Dessa forma, o autor demonstra como o *kitsch* é “autenticamente falso”, ou seja, em sua ânsia por “imitar”, está, mesmo tempo, permeado de falsidade e autenticidade (MOLES, 1973).

Em contrapartida, Moles (1973) também defende que o *kitsch* é muito mais que algo material. Este, emerge na sociedade industrial moderna e burguesa, como

⁵ O Romantismo foi um movimento iniciado no final do século XVIII nos Estados Alemães, que reagiu contra muitas das transformações sociais, econômicas e políticas inauguradas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial (CITELLI, 1986; FALBEL, 1978). Seu ideário, ao mesmo tempo moderno e anti-moderno, revela um traço da Modernidade, que é sua “ambivalência” (BAUMAN, 1999). Nele, articula-se antigo e novo, identidade e mutabilidade, as escalas local, regional e nacional com a global, tradicional e moderno, popular e erudito, rural e urbano, passado e futuro. Essa mesma dialética de opostos, esse hibridismo é a essência do turismo *kitsch*.

um fenômeno sociocultural. Doravante, constituiu-se uma “maneira de ser” *kitsch*, que, então, pode materializar-se nas artes visuais, na pintura, na escultura, na literatura, em objetos, na música, na arquitetura, etc. – “tudo pode servir como portador de Kitsch (*Kitschtraeger*)” (MOLES, 1973, p. 11).

Ademais, no século XX, especialmente a partir de 1970, o *kitsch* também adquire uma conotação econômica. Desde então, estará cada vez mais presente em bens e serviços criados especificamente para o consumo, incluindo o turismo. A consequência disso, será uma transformação das relações sociais, que passam a receber intervenção de “mediadores” do real: os cenários e objetos que contêm a “maneira de ser” *kitsch* (MOLES, 1973). Assim, progressivamente, os seres humanos não mais entrarão em contato com a realidade propriamente dita e, sim, com representações estetizadas e espetacularizadas dessa mesma realidade.

No Brasil, a primeira vez que o turismo aparece como preocupação política é durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. De 1937 a 1945, o turismo integrou a máquina estatal do DIP⁶, que incluía, além dele, a propaganda, a radiodifusão, o cinema, o teatro, a imprensa e outros serviços auxiliares (SCHWARCZ, 2015).

A segunda vez, nesse período, que o turismo aparece, em escala nacional, como política pública, é durante outro momento autoritário e nacional-desenvolvimentista: o Regime Civil-Militar (1964-1985). Nesse sentido, o historiador estadunidense Glen Goodman explica-nos de que forma o turismo foi incluído nas concepções de desenvolvimento econômico e integração nacional do período. Segundo Goodman (2018), a modernização pela indústria andou lado a lado com a de outros setores, como o turismo, sendo que, precocemente, em 1966, seriam instalados dois órgãos centrais para as ações relacionadas à atividade: o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR).

O período, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, que foi tanto de transformações como de incertezas para o povo brasileiro, fará Gramado entrar em uma nova fase de sua história, mas que não é o foco dessa pesquisa. O jovem município se reinventará, aproveitando a onda nacional de investimentos, incentivos e, sobretudo, o novo viés do turismo. Objetivando criar uma identidade, será resgatada a memória das influências estrangeiras alemã e italiana, silenciadas durante o Estado Novo, cujo ideal turístico focara na mestiçagem brasileira de índios, negros e portugueses e nas regionalidades baianas e cariocas. É dos elementos que compõem o conjunto dessa identidade, que trataremos a seguir.

5 Os atores e a montagem do cenário: a elite, as hortênsias e a mansão como questões estéticas

O Hino a Gramado, em sua última estrofe, ressalta que os turistas, na primeira metade do século XX, vinham ao então Quinto Distrito de Taquara, atraídos pelas “riquezas da mãe natureza” e em busca de “saúde nos ares da Serra”. Semelhante fato, é consenso na historiografia local, que afirma a existência, no período, de um turismo sazonal, o veraneio, realizado durante os três meses de verão, e daquilo que é conhecido, atualmente, como “turismo de cura” (DRECKSLER; KOPPE, 1993; BEHREND, 1999; RIEGEL, 2000).

⁶ Departamento de Imprensa e Propaganda, que representava o sustentáculo da ditadura varguista.

Também durante esse período pré-emancipatório, dada a mobilidade que a ferrovia proporcionava, Gramado possuía muitos investimentos privados no ramo da indústria artesanal, do comércio e dos serviços. Esses setores da economia, incluindo o agropecuário, complementavam-se “num único esforço aplicado”, como também diz o hino, para bem acolher esses veranistas.

Nesse contexto é que aparece, em Gramado, uma elite germânica culta. Esses alemães vieram para veraneiar ou estabelecer residência ao longo de toda a primeira metade do século XX, sobretudo após o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Eram nascidos na Alemanha ou descendiam de alemães previamente estabelecidos em Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Taquara. Eram possuidores de diversas profissões, incluindo professores, escrivães, militares, médicos, pintores, agrimensores, músicos, farmacêuticos, além de um dentista e um alfaiate (BLUM, 1987; DRECKSLER; KOPPE, 1993; BERTOLUCI, 1999; KNORR, 2000; SPARREMBERGER, 2000).

Essa elite germânica era culta, em primeiro lugar, porque viera assim da Alemanha, como os professores Maximiliano Hahn e Bruno Boelter, os doutores Carlos Nelz e Richard Sturmhoeffel, além dos pintores Julius Schmincke e Maximiliano Kaspar. Em segundo lugar, porque fora criada em família alemã abastada e culta, como o escrivão João Leopoldo Lied, sua esposa Osvaldina Panitz Lied, a professora Amélia Bossle Boelter e sua irmã Nenê (esposa de Cláudio Pasqual). E, por fim, pelo fato de que nascera no Brasil, como Oscar Knorr e o agrimensor Leopoldo Rosenfeldt, mas voltara para o país de origem dos pais para estudar e mantinha certos contatos (BLUM, 1987; DRECKSLER; KOPPE, 1993; BERTOLUCI, 1999; KNORR, 2000; SPARREMBERGER, 2000).

O ideário romântico teve influência inclusive na toponímia, através da manutenção de “Gramado” ao invés de “Dinizópolis”, como cita a historiografia local. O nome “Dinizópolis” foi sugerido no início, como homenagem ao intendente de Taquara Diniz Martins Rangel, mas acabou mantendo-se o topônimo “Gramado” (BLUM, 1987; PIZETTA, 1973). Essa nomenclatura local, além de oriunda do tropeirismo, evidenciava a relação com a natureza.

Os membros da elite culta incentivaram e realizaram ações de arborização e ajardinamento de Gramado, a partir de flores diversas, incluindo azaleias, orquídeas, rosas e sobretudo a hortênsia. Ademais, realizaram o plantio de outras plantas e árvores exóticas, dentre elas ciprestes, álamos, pinheiros e carvalhos alemães, etc. (BLUM, 1987; DRECKSLER; KOPPE, 1993; BERTOLUCI, 1999; KNORR, 2000; SPARREMBERGER, 2000).

Esta elite também seria responsável por construir parques, como o Parque Knorr, de Oscar Knorr e o Parque Hotel, de Leopoldo Rosenfeldt. Rosenfeldt encabeçaria, ainda, a construção de dois lagos artificiais: o Lago Joaquina Rita Bier e o Lago Negro, e inauguraria uma era de casas de veraneio, através da administração do loteamento Vila Planalto, e incentivaria, com a criação de um roteiro turístico, a visitação a locais de balneário naturais, como as cascatas.

O loteamento Vila Planalto fora idealizado por uma sociedade de herdeiros, objetivando vender na forma de terrenos para veranistas a parte ainda restante das terras dos irmãos Henrique e Luiz Bier, possuidores de consideráveis terras em Gramado, desde o século XIX. A venda, quando ficou a cargo de Leopoldo Rosenfeldt, almejava, unicamente, “quem tivesse dinheiro para construir aqui, e com isso

determinou um alto padrão de qualidade à sua obra” (BERTOLUCI, 1999, p. 63). Em 1937, no dia da inauguração da Vila Planalto, cerca de vinte e sete pessoas vieram a Gramado de carro-motor através da ferrovia. Os visitantes incluíam interessados na compra de terrenos, representantes da imprensa de língua alemã, dentre os quais, dos jornais *Neue Deutsche Zeitung* e *Volksblatt*, além de políticos locais e de Taquara. Àquela altura, já haviam sido vendidos trinta e seis terrenos dos duzentos previstos (DRECKSLER; KOPPE, 1993; KOPPE, 2018).

Para estimular a venda dos lotes, Leopoldo Rosenfeldt elaborou, em 1938, o primeiro roteiro turístico de Gramado, intitulado “Gramado: a maravilha do veraneio”. O roteiro era escrito em português e alemão e continha fotografias e descrições dos atrativos turísticos de Gramado, sobretudo os naturais, enaltecia personalidades regionais e locais, como o Coronel João Corrêa Ferreira da Silva e o escrivão João Leopoldo Lied, e incluía também propagandas dos principais serviços turísticos locais, como os hotéis, as indústrias artesanais e as casas comerciais. Ademais, Rosenfeldt também teria feito divulgações em Porto Alegre e outras cidades do Estado (BERTOLUCI, 1999; KOPPE, 2018).

Em contrapartida, Behrend (1999) e Bertoluci (1999) colocam que o desenvolvimento da Vila Planalto ocorreu principalmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Isso teria ocorrido segundo eles, porque as praias estavam fechadas por segurança nacional e os alemães eram proibidos de deslocar-se até o litoral. Assim, Gramado teria se tornado uma boa opção para o veraneio, atraindo vários integrantes da elite germânica gaúcha, como as famílias Gerda, Oderich, Neugebauer, Renner, etc. (RIEGEL, 2000; CASAGRANDE, 2006; KOPPE, 2018).

Outro desses integrantes da elite germânica que vem para Gramado nesse período, por volta de 1940, é Oscar Knorr, que fora representante de inúmeras empresas de origem alemã, como a Siemens e a Mercur. Através da influência de Leopoldo Rosenfeldt, comprou cinco hectares em um dos lugares mais altos da sede do atual município, com vista para o Vale do Quilombo. Ali construiu uma mansão em estilo bávaro e um jardim, repleto de árvores e plantas exóticas, sobretudo a hortênsia, local esse que ficaria conhecido depois como *Parque Knorr* (KOPPE, 2018). Ilga Korndörfer Knorr, esposa de Oscar Knorr, descreve a construção e as características da mansão como repleta de referências à identidade germânica, que teriam sido adquiridas pelo marido em viagens.

Esse apreço pela natureza, pela estética dos lugares e pela beleza, intrínsecos às ações dessa elite germânica culta, revelam o quanto a mentalidade romântica esteve presente na estruturação de Gramado como destino turístico, ainda na primeira metade do século XX. Após a emancipação, esses alemães tornar-se-ão influentes nas decisões políticas locais, seja como políticos propriamente ditos ou como conselheiros dos políticos eleitos. Riegel (2000), por sua vez, pontua que as ações de paisagismo de Leopoldo Rosenfeldt, Carlos Nelz e Oscar Knorr influenciaram na manutenção do turismo após a emancipação e a sua entrada em uma nova fase.

6 A construção do espetáculo: o desfile, a festa e a mídia como questões de representação social

As origens da espetacularização de Gramado, assim como da estetização, também devem ser buscadas no período pré-emancipatório. Presente nos espaços urbanos atualmente via turismo *kitsch*, esse desejo de espetacularizar está ligado à memória das práticas culturais e da sociabilidade da elite de origem imigrante que se formou no local. Essa elite foi ascendendo economicamente antes de 1954, quando esse território ainda era conhecido como Quinto Distrito de Taquara. Nesse meio tempo, seus integrantes absorveram referências culturais diversas, sobretudo germânicas. Dessa síntese, surgiu gradativamente, um *modus vivendi* “de Gramado”. Dessa elite recente, veio, então, os primeiros políticos de Gramado, que começaram a lutar pela emancipação municipal.

Nesse contexto, foi em 1915 fundada uma sociedade cultural em Gramado: a Sociedade Recreio Gramadense. Na época, apesar de ainda ser um povoado pequeno, recém instalado e em crescimento, a sede do Quinto Distrito de Taquara era habitada por “algumas famílias de características sociais muito fortes” (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 22). Doravante, a sociedade cultural se tornou “símbolo da vida social, segundo lar da família gramadense” (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 148). Ao unir a “elite social de Gramado” (PIZETTA, 1973, p. 54), o local se tornou “palco de elegantes acontecimentos” (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 22).

Um dos membros fundadores da Sociedade Recreio Gramadense foi o escrivão distrital, João Leopoldo Lied, nascido em São Leopoldo. Lied elaborou os primeiros estatutos e foi presidente durante onze anos consecutivos. Sua esposa, Osvaldina Panitz Lied, tendo nascido em Porto Alegre e vivido desde os doze anos em São Leopoldo, fora criada em ambiente de “enorme bagagem de cultura” (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 147). Era frequentadora, em São Leopoldo, da Sociedade Orpheu – espaço primordial de sociabilidade da elite de origem germânica – onde integrava um grupo artístico como atriz e também um conjunto musical, tocando cítara e apresentando-se em concertos e saraus. Ambos se empenharam em ensinar boas maneiras e regras de sociabilidade aos associados, dentre elas para falar, comer e sentar-se, além de não usar botas e armas durante os eventos (DRECKSLER; KOPPE, 1993).

A elite que integrava a Sociedade Recreio Gramadense organizava eventos internos e externos. Na sede era realizados bailes, festas de bolão, chás e aniversários, muitos deles com participação dos veranistas. Os bailes eram animados por orquestras estrangeiras ou regionais e bandinhas locais, e neles também havia coroação de rainhas. A moda, a música e demais manifestações culturais presentes nesses inúmeros atos sociais receberam influências europeias, sobretudo germânicas, gaúchas, brasileiras, latino-americanas e estadunidenses. Muitas delas advieram do cinema, instalado no distrito em 1929 (DRECKSLER; KOPPE, 1993).

No âmbito externo, os membros da sociedade promoviam desfiles de rua e eventos ao ar livre. Ao ar livre eram realizados passeios a pé ou a cavalo, piqueniques e saraus, todos apreciados pelos veranistas, que eram “fanáticos pela natureza” (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 50).

Em contrapartida, não era somente a elite que se espetacularizava, o povo também, ao menos em quatro ocasiões documentadas. Em 1919, reuniram-se em torno da Estação Várzea Grande e do trem estacionado, decorado na frente com flores e a frase “Salve 1º de junho”, para celebrar a sua chegada, conforme fotografia existente. Três anos depois, quando a ferrovia chegou à sede do então Quinto

Distrito, o povo desfilou pela rua, como também se vê em fotografia ((DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 124). Uma década depois, em 1934, na presença de inúmeras lideranças políticas locais e regionais e do conjunto musical local, a Banda Flor da Serra, “grande massa de povo” se reuniu na inauguração do jardim da Praça Major Nicoletti (DRECKSLER; KOPPE, 1993, p. 48). Por fim, em 1953, pouco tempo antes do plebiscito de emancipação, muitos viram algumas de suas filhas, futuras freiras e estudantes do colégio religioso local, entoando o Hino a Gramado (PIZETTA, 1973). Ademais, era frequente a espetacularização do povo nos inúmeros *kerb* e festas de padroeiro na zona rural.

Povo, elite e veranistas se espetacularizavam. O que tinham em comum? Eram todos arrivistas, buscavam uma identidade e projetavam o futuro. Os arrivistas, na teorização de Bauman (1998), são “aqueles que chegaram”, que já estão “no lugar”, mas ainda não são completamente “do lugar”. Movimentando-se de um espaço geográfico a outro, eles pretendem fugir da difícil realidade do presente antevendo uma existência futura melhor, mesmo que nunca alcançada plenamente. A consequência psíquica disso é a eterna busca pela identidade ideal. Nessa busca, explica o sociólogo, o medo de serem ridicularizados e estigmatizados pelo que realmente são, isto é, “nômades” e “recém-chegados”, os obriga a fazer da vida um “palco”, “a ser atores” e representar “papéis” (BAUMAN, 1998, p. 92-95).

A elite gramadense, composta de “arrivistas” rapidamente transformados em “novos ricos”, passou, então, primeiramente por uma espécie de “processo civilizador”. Com a ajuda da elite germânica culta, os “antigos ricos”, esses colonos alemães e italianos de ascensão social rápida e recente, foram se sofisticando. Ao longo dos eventos da Sociedade Recreio Gramadense, seus hábitos rurais e “bárbaros” se transformaram em urbanos e “civilizados”.

Os veranistas, outros indivíduos envolvidos no processo, também eram “arrivistas” e “novos ricos” em sua origem. Eles constituíam a última geração de imigrantes alemães a enriquecer na região nordeste do Estado, sobretudo em Porto Alegre. Esse enriquecimento dera-se a partir da industrialização que se iniciara no Rio Grande do Sul nas últimas décadas do Império e começo da República, motivada pela navegação fluvial e pela ferrovia. O veraneio em Gramado era o meio de lazer desse grupo. Nesse “centro de veraneio” construía uma identidade espetacularizando-se em meio às belezas naturais e consumindo os produtos das agroindústrias locais.

Nas décadas de 1940 e 1950, que marcam os últimos anos de Gramado como Quinto Distrito de Taquara e seus primeiros anos como município, destacam-se três personagens: Walter Bertolucci, Leopoldo Rosenfeldt e Oscar Knorr. O primeiro descendia dos arrivistas italianos, que se estabeleceram no local em decorrência da ferrovia, ascenderam economicamente e frequentavam a Sociedade Recreio Gramadense. Quanto aos outros dois, integravam a elite germânica culta que também se estabeleceu em Gramado ao longo do período entreguerras (1918-1939) e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Bertolucci, Rosenfeldt e Knorr, que eram conhecidos na região e possuíam relações de amizade com pessoas influentes até mesmo no contexto nacional, tiveram papel de destaque durante a gestação e nascimento do município. Walter Bertolucci possuía ligações com políticos gaúchos de seu partido, o PTB, como Leonel Brizola, João Goulart e Unírio Carrera Machado, além de jornalistas que também militavam na sigla, como Carlos Bastos. Com esse envolvimento político conseguiu

uma emenda de emancipação para Gramado junto à Assembleia Estadual Constituinte, dirigindo o movimento emancipatório e se elegendo primeiro prefeito após um plebiscito (BERTOLUCCI, 2019). Quanto aos dois teuto-brasileiros, Rosenfeldt tinha ligações com a elite germânica regional e Knorr se relacionava com políticos, jornalistas, diplomatas, escritores e artistas brasileiros, que frequentemente hospedavam-se em sua mansão. Os três, em meio a reuniões na Sociedade Recreio Gramadense, idealizaram o primeiro evento do município: a Festa das Hortênsias (BERTOLUCCI, 2019; DRECKSLER; KOPPE, 1993; KOPPE, 2018; PIZETTA, 1973).

A Festa das Hortênsias, foi realizada pela primeira vez em 7 e 8 de dezembro de 1958, nos jardins da mansão de Oscar Knorr e também nas dependências da Sociedade Recreio Gramadense. O primeiro evento de Gramado foi o segundo de uma “onda” de várias festas que começaram a ser realizadas em municípios da região, sob inspiração da Festa da Uva, de Caxias do Sul, que fora retomada em 1950 após sua suspensão em 1938, durante o Estado Novo. A organização prévia incluiu a formação de uma comissão e o envio de convites até mesmo para lugares distantes (BERTOLUCCI, 2019; PIZETTA, 1973; RIEGEL, 2000). Em depoimento a Bertolucci (2019), a memorialista local, Iraci Casagrande Koppe, contemporânea dos acontecimentos, afirmou que o então prefeito, Walter Bertolucci, teria dito que, por meio do evento, iria “capitalizar nossas belezas naturais” (BERTOLUCCI, 2019, p. 12).

A segunda Festa das Hortênsias foi realizada três anos depois, entre os dias 6 e 8 de janeiro de 1961. A partir de então e até 1977, o evento ocorreu de dois em dois anos, quando foi encerrado durante a gestão municipal (1977-1983). Depois desse interregno, a festa foi retomada na administração seguinte e realizada por mais duas vezes (1984/1985 e 1986/1987), até se encerrar definitivamente. Em doze edições, o tempo de duração do evento oscilou entre dois e quarenta e quatro dias, sempre no verão, no início de dezembro ou janeiro ou ainda abarcando parte dos dois meses (PIZETTA, 1973; BLUM, 1987).

Em 26 de agosto de 1950, Gramado apareceu pela primeira vez em um veículo midiático nacional, a Revista O Cruzeiro, em manchete intitulada “Garôtas nas Serras do Rio Grande”. A revista evidenciava as belezas naturais, as moças alegres e a culinária alemã e italiana como sendo os principais atrativos para o veraneio na Serra do RS. Ademais, a notícia fez questão de revelar o meio de chegada, a Estrada Federal que ligava Porto Alegre à região, e que àquela altura estava praticamente toda asfaltada (GUIMARÃES; KEFFEL, 1950). Nos cinco anos seguintes, Gramado é retratada na imprensa regional em três ocasiões: como local de veraneio promissor e duas vezes como recebedor dos primeiros lugares em exposições agroindustriais.

A consulta das fontes permite afirmar, então, que a partir de 1958, a presença da mídia foi uma constante no jovem município. Porém, será o conjunto de acontecimentos do início da década de 1970, que se mostrará decisivo para abrir ao Brasil e ao mundo, as cortinas do espetáculo que vinha sendo ensaiado desde antes de 1954, quando Gramado ainda era o Quinto Distrito de Taquara. Acontecimentos simbólicos, como a inauguração do Pórtico via Nova Petrópolis em estilo bávaro, a preocupação pública em encomendar e lançar um livro de memórias sobre a jovem cidade, a inauguração de um hotel de alto-padrão na Avenida Borges de Medeiros, o lançamento dos símbolos municipais e acima de tudo o surgimento de um micro-

evento, o Festival de Cinema, dentro do evento principal, marcarão o início de uma nova fase no turismo gramadense.

Doravante, nascerão ainda, anos mais tarde, dois eventos no interior da Festa das Hortênsias, a Festa da Colônia e o Natal Luz. Além do mais, em meio à transição para um Brasil cada vez mais urbano e burguês, a inauguração de dois elementos arquitetônicos em estilo europeu, que são o pórtico de frente àqueles que vinham da capital pela BR-116 e o hotel de alto-padrão na principal rua municipal, também davam indícios simbólicos da nova orientação urbana e da nova categoria de visitantes que a cidade esperaria receber dali em diante.

7 Considerações finais

O território gramadense formou-se a partir da segunda metade do século XIX, ao centro de quatro zonas econômicas, praticamente isoladas entre si. No norte, estavam as colônias italianas. A oeste e sul, as colônias alemãs. E a leste, os Campos de Cima da Serra. Começou como alojamento temporário de comerciantes que interligavam as quatro direções: tropeiros, caixeiros-viajantes e carreteiros. Gradualmente, conforme a fronteira avançava sobre o centro vazio, Gramado tornou-se um local promissor, que logo virou um “centro de imigrantes”.

A ferrovia, que chegou em 1919, trouxe dinâmica à região e foi peça-chave na atração de imigrantes e seus descendentes, estabelecidos nas colônias ao redor. A presença desse meio de transporte moderno fez de Gramado um “povoado arrivista”, que urbanizar-se-ia rapidamente a partir de então, pela presença desses imigrantes e seus empreendimentos.

Constatamos que os integrantes da elite gramadense pretenderam, então, criar uma imagem de si, para si e para os outros. Somente desenvolvendo comportamentos “de Gramado”, poderiam ser de fato conhecidos como a “elite de Gramado” e se lançarem na política. Entretanto, como eram arrivistas, se viram na obrigação de renegarem a si mesmos. Assumiram, então, uma identidade e uma representação social *kitsch* estetizada, espetacularizada e híbrida de vários referenciais culturais do passado, mas com ares de pureza, e cujo “espírito” permanece na cidade até hoje.

Para finalizar, identificamos que a partir da década de 1970, quando as rápidas transformações sociais e urbanas decorrentes da industrialização do país ameaçavam dissolver essa identidade, apagando a memória na qual estava fundamentada, a Prefeitura Municipal decide “enquadrá-la” encomendando duas obras historiográficas sobre Gramado: “Gramado: ontem e hoje” (1973) e “Gramado Simplesmente Gramado” (1987). O primeiro lançou os símbolos municipais, contou a história do primeiro evento, a Festa das Hortênsias, e evidenciou as belezas naturais, juntamente com a vocação da cidade para a indústria artesanal. O segundo patenteou o estilo bávaro e os três novos eventos (Festival de Cinema, Festa da Colônia e Natal Luz).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Y. M. B. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARROS, J. D. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEHREND, C. Etapas do turismo. In: KOPPE, Iraci. **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 189-193.
- BERTI, F. **Luxo e sofisticação nas vitrines da Borges: turismo e gentrificação comercial no espaço urbano de Gramado (RS)**. 2018. 130 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2018.
- BERTOLUCI, J. L. Rosenfeldt. In: KOPPE, I. **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 61-67.
- BERTOLUCCI, M. **Walter Bertolucci e a história de Gramado**. Gramado: Edelbra Gráfica, 2019.
- BLUM, G. M. (Org.). **Gramado, simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la Modernidad**. D.F., México: Editorial Grijalbo, 1990.
- CASAGRANDE, G. R. **Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado**. 2006. 106 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DALONSO, Y. da S. **Avaliação de políticas públicas de desenvolvimento turístico das cidades de Gramado (Brasil) e Rovaniemi (Finlândia)**. 2015. 335 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Gualtar, Portugal, 2015.
- DAROS, M. **Janelas, Portas, Varandas e... Saudade: Gramado em algum momento do passado**. Porto Alegre: Evangraf, 1993.

DAROS, M. Do tropeirismo ao turismo: caminhos e atalhos que formaram Gramado. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; VIANNA, Maria Leda Costa; BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional**. Porto Alegre: EST, 1995.

DAROS, M.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: EST, 2000.

DORNELES, E. B. **Gramado**: a produção e consumo de uma imagem de cidade europeia no Brasil. 2001. 172 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DRECKSLER, C. G.; KOPPE, I. C. **Era uma Vez...!** Relatos de Gramado. Edição Comemorativa aos 25 Anos do Orbis Club de Gramado e 10 anos do Jornal de Gramado. Canoas: Escola Profissional La Salle, 1993.

EKSTEINS, M. **A sagração da primavera**: a grande guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FERNANDES, D. R. O povoamento pioneiro das terras do Mundo Novo. In: MOSSMANN SOBRINHO, P. G; BARROSO, V. L. M. **Raízes de Taquara**. Porto Alegre: EST, 2008, p. 26-32.

FERNANDES, D. R. Tristão Monteiro e o projeto colonizador do Mundo Novo. In: MOSSMANN SOBRINHO, P. G; BARROSO, V. L. M. **Raízes de Taquara**. Porto Alegre: EST, 2008, p. 33-43.

FERNANDES, D. R. Dos caminhos de tropeiros às moradas de favor, às fazendas, à cidade de Taquara: História do século XVIII ao XX. In: REINHEIMER, Dalva et al. **Caminhando pela cidade**: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos. Porto Alegre: Evangraf, 2011, p 15-34.

GASTAL, S. Nomadismo e Turismo: viagem como vida no espaço. In: TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

GEVEHR, D. L; BERTI, F. Gentrificação: uma discussão conceitual. **Políticas Públicas & Cidades**, v. 5, n.1, p. 85-107, jan. /jul. 2017.

GEVEHR, D. L; BERTI, F. **Uma pequena Europa na Serra Gaúcha**: as apropriações culturais na arquitetura no espaço urbano de Gramado (RS). *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, jan./jun., 2018, p. 48-57. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOODMAN, G. Consuming the café colonial: German Ethnicity and Tourist Migrant Marketplaces in Southern Brazil. **Global Food History**, v. 4, p. 1-19, 2018.

GUIMARÃES, J; KEFFEL, E. Garôtas nas Serras do Rio Grande. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 45, 26 ago. 1950, p. 100-103.

HAESBAERT, R. Questões sobre a (Pós) Modernidade. **Geo UERJ**, n. 2, p. 7-22, 1997. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21758/15765>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: **Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades**, 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

HAESBAERT, R. Territórios e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13531/8731>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

HAESBAERT, R. Ordenamento Territorial. In: GRIEBELER, M. P. D; RIEDL, M. (Orgs.). **Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos**. Porto Alegre: Conceitos, 2017, p. 290-292.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

KERN, M. B. **Montanhas e dormentes: considerações sobre a construção do ramal ferroviário Taquara-Canela e sua influência no início do veraneio na Serra Gaúcha**. 2006. 91 p. Monografia (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.

KNORR, I. K. Parque Knorr: por um ideal. In: DAROS, M.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: EST, 2000, p. 108-114.

KOPPE, I. C. **Gramado: o lago, as hortênsias e o turismo**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2018.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOPES, D. C. **Assentamentos informais em cidades turísticas: uma análise de Canela e Gramado (RS)**. 2014. 139 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MENDES JÚNIOR, C. W. **Expansão da ocupação urbana de Gramado**: estudo de caso da aplicação de fotografias aéreas de pequeno formato e SIG. 2002 172 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MOLES, A. **O kitsch**: a arte da felicidade. São Paulo: Perspectiva, 1973.

OLIVEN, R. G. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

OMT - Organização Mundial do Turismo. 2006. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/> Acesso em: 20 jul. 2024.

PAKMAN, E. T. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à história do pensamento turístico. In: **XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. Universidade do Estado do Ceará, 2014.

PIZETTA, M. **Gramado**: ontem e hoje. Caxias do Sul: Paulinas, 1973.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REINHEIMER, D. N. **A navegação fluvial na República Velha gaúcha, iniciativa privada e setor público**: ações e implicações dessa relação. 2007. 238 p. Tese (Doutorado em História), Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

RIEGEL, R. E. Quatro raízes e uma árvore. In: DAROS, Marília; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Orgs.). **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: EST, 2000, p. 25-31.

SANTOS, J. M. F. A marcação turística do Romantismo. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 9, n. 2, p. 290-307, abr./jun., 2017.

SCHWARCZ, L. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SPARREMBERGER, I. Identidade cultural de Gramado. In: DAROS, M.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: EST, 2000, p. 137-139.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VACCARI, A. V. **O turismo como fator de desenvolvimento regional: o caso de Gramado e Canela/RS.** 2006. 114 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

VIDAL, R. P. **A influência do turismo de eventos na Região das Hortênsias, Rio Grande do Sul: o caso do evento natal Luz de Gramado.** 2015. 89 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2015.

Daniel Luciano Gevehr. Pós-doutor em História. FACCAT. Professor titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional. Avenida Oscar Martins Rangel, 4500, bairro Fogão Gaúcho, Taquara – RS. danielgevehr@faccat.br.

Eduardo da Silva Weber. Graduando em História e bolsita FAPERGS. FACCAT Avenida Oscar Martins Rangel, 4500, bairro Fogão Gaúcho, Taquara – RS. eduardoweber@sou.faccat.br.

Submetido em: 08/08/2024

Aprovado em: 20/08/2025

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Conceituação (Conceptualization): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Curadoria de Dados (Data curation): Eduardo da Silva Weber.

Análise Formal (Formal analysis): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Obtenção de Financiamento (Funding acquisition): FAPERGS.

Investigação/Pesquisa (Investigation): Eduardo da Silva Weber

Metodologia (Methodology): Daniel Luciano Gevehr.

Administração do Projeto (Project administration): Daniel Luciano Gevehr.

Recursos (Resources): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Software: Microsoft Word.

Supervisão/orientação (Supervision): Daniel Luciano Gevehr.

Validação (Validation): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Visualização (Visualization): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Escrita – Primeira Redação (Writing – original draft): Daniel Luciano Gevehr e Eduardo da Silva Weber.

Escrita – Revisão e Edição (Writing – review & editing): Daniel Luciano Gevehr.

Fontes de financiamento: FACCAT / FAPERGS.